



HAL
open science

O São Francisco, um rio de muitas esperas

Laurent Vidal

► **To cite this version:**

Laurent Vidal. O São Francisco, um rio de muitas esperas. *Confins - Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, 2015, 23, 10.4000/confins.10100 . hal-04546718

HAL Id: hal-04546718

<https://hal.science/hal-04546718>

Submitted on 15 Apr 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - ShareAlike 4.0 International License



Confins

Revue franco-brésilienne de géographie

23 | 2015

Número 23

O São Francisco, um rio de muitas esperas

Le São Francisco, fleuve de toutes les attentes

São Francisco, the river of all waiting

Laurent Vidal



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/confins/10100>

DOI: 10.4000/confins.10100

ISSN: 1958-9212

Editora

Hervé Théry

Este documento é oferecido por Nantes Université



Refêrencia eletrónica

Laurent Vidal, «O São Francisco, um rio de muitas esperas», *Confins* [Online], 23 | 2015, posto online no dia 05 março 2015, consultado o 15 abril 2024. URL: <http://journals.openedition.org/confins/10100> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.10100>

Este documento foi criado de forma automática no dia 16 de fevereiro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC-SA 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

O São Francisco, um rio de muitas esperas

Le São Francisco, fleuve de toutes les attentes

São Francisco, the river of all waiting

Laurent Vidal

Do rio Alféu ao rio São Francisco

- 1 Existe na mitologia grega um rio chamado Alfeu, filho do Titã Oceano e de sua irmã Tétis. Este rio, cujas águas banham uma parte da Grécia, ficou famoso por ter servido para Hércules, numa de suas doze tarefas: tendo que limpar os estábulos de Augias, o herói tomou a decisão de desviar suas águas. Só que não é essa a história a mais importante: um belo dia (e a história não disse se foi antes ou depois da tarefa de Hércules!), o rio se apaixona pela ninfa



Aretusa, que tinha tomado um banho nas suas águas. Apavorada pelo comportamento do rio, Aretusa decide fugir até a Sicília para se esconder do Deus-rio. Lá, recebe a proteção de Artemisa que, para escondê-la do rio, vai transformá-la em fonte de água. Mas a malícia do rio foi maior: uma vez desaguando no Mediterrâneo, o rio Alfeu escondeu suas águas debaixo do mar e continuou seu percurso até a Sicília, mais precisamente até a ilha de Ortígia. Renascendo como rio, ele subiu até a fonte de Aretusa para unir suas águas com as da ninfa¹.

- 2 Um rio que atravessa o mar (unindo duas terras distantes) e que renasce como rio, subindo as terras em vez de descê-las, que tem e suscita sentimentos, e que ao mesmo tempo pode ser desviado para cumprir uma outra tarefa, oferece uma boa metáfora para descrever o longo processo de invenção histórica do rio São Francisco. Inventado entre Portugal e Brasil, como caminho líquido e coluna vertebral da colônia, ele foi reinventado no Império e na República Velha como “rio da unidade nacional”, antes de ser percorrido, como o caminho da esperança, pelos flagelados e outros migrantes da seca se dirigindo para São Paulo, e finalmente ainda reinventado no final do século XX em função da construção de barragens e da possibilidade de transposição de suas águas.
- 3 Esses exemplos demonstram que é possível contar a história do rio São Francisco a partir de uma história da espera². De um lado, o rio São Francisco é fruto de muitas esperanças (geopolíticas e sociais) que deixaram rastros no imaginário, tanto dos poderes públicos quanto das populações ribeirinhas. Mas a esperança não é a única definição possível da espera – que significa também pausa, parada. E deste ponto de vista, devemos constatar que a paisagem do rio São Francisco é marcada por essas pausas dos homens em deslocamento que, subindo o rio, deram nascimento aos primeiros núcleos humanos, e mais recentemente, aos campos de migrantes...
- 4 Pretendo assim, a partir da chave de leitura da espera, contar um pouco da história do rio São Francisco.

Esperanças em torno de um rio mitológico: entre a Lagoa Dourada e a ilha Brasil

- 5 Apesar de ter sido descoberto em 1501, é só em 1553 que D. João III ordenou a exploração das margens e do interior do rio São Francisco. Um dos membros desta expedição, o padre João de Azpilcueta Navarro, anotou numa carta datada em 24 de junho de 1555, que foram « até um rio mui caudal por nome Pará, que segundo os índios nos informaram é o rio de São Francisco e é mui largo ». Por estes primeiros

descobridores, ainda imbuídos de um imaginário medieval e considerando a conquista da América como a continuação da Reconquista organizada contra os muçulmanos, este rio “mui caudal (...) e mui largo” lembrava as descrições dos rios na Bíblia – os quatro rios que banham o jardim do paraíso. A fartura dos rios bíblicos vai ser rapidamente associada às águas do rio São Francisco, que será considerada por este prisma como uma via de acesso ao Éden, ou em sua leitura protestante e naturalização americana, o verdadeiro Eldorado.

- 6 Em sua *História do Brasil* (1627) Frei Vicente do Salvador conta que uma expedição comandada por Gabriel Soares de Sousa pretendia, em 1590, “chegar ao rio São Francisco e depois por ele até a Lagoa Dourada, donde dizem que tem o seu nascimento” (chap.23). E quase dois séculos e meio depois (em 1826), o viajante francês Auguste Saint-Hilaire, visitando a serra da Canastra, confessou que naqueles dias ainda se discutia sobre o berço do rio São Francisco: “Foi aliás, nos nossos dias, unicamente que se começou a ter ideias mais precisas sobre as nascentes do São Francisco. Antigamente julgava-se que o referido rio saía de um lago formoso em cujas margens se situava a cidade de Manoah” (em 1810, Robert Southey ignorava ainda em que lugares começava esse rio³). Por isso a longa permanência desta crença da localização das nascentes, próxima à cidade de Manoah - o nome da cidade banhada pelas águas da Lagoa Dourada.
- 7 Ao mesmo tempo, esta Lagoa Dourada aparece na cartografia portuguesa da segunda metade do Século XVI e do início do Século XVII, representando o Brasil no continente americano na forma de uma ilha (esta lagoa seria formada pelo encontro das águas do rio da Prata e do rio Tocantins). Assim, associar o rio São Francisco à cidade de Manoah e à Lagoa Dourada, significava inscrevê-lo numa topografia edênica, na qual ele cristalizaria as esperanças de vida eterna e a fartura.



Luis Teixeira, "América Austral", 1600

- 8 Um outro tipo de cartografia, assumindo deliberadamente um caráter científico, não deixa de nos interpelar por transmitir informações surpreendentes, como o mapa de Pierre van der Aa, datando de 1729 e chamada « Le Brésil suivant les Observations de Messieurs de l'Académie Royale des Sciences, etc. Augmentée de Nouveau. », que indica: « Icy la Rivière St. François se perd sous terre » (Aqui o Rio São Francisco se perde de baixo da terra). Uma indicação que será reutilizada em vários outros mapas⁴, deixando se configurar um segredo em torno do curso deste rio (seria para lembrar o mito do rio Alféu?).



Pierre van der Aa, « Le Brésil suivant les Observations de Messieurs de l'Académie Royale des Sciences, etc. Augmentée de Nouveau. » (1729).

Do Quinto Império ao Império do Brasil, a capitalidade do rio São Francisco

- 9 As qualidades associadas ao rio São Francisco explicam sua escolha frequente, a partir do final do século XVII, para acolher novos projetos imperiais e sediar as respectivas capitais. Tanto pela sua centralidade quanto pelos atributos espirituais, a “capitalidade” do rio São Francisco carregava a esperança de um renascimento político.
- 10 Talvez foi com o Padre Vieira, profetizando em 1659 o advento do Quinto Império, que aparece pela primeira vez essa ideia. Sabemos que para Vieira, este Quinto Império localizar-se-á na totalidade geográfica da Terra⁵, mas o projeto caminhará e alguns anos depois o português Pedro Rates Henequim (1680-1744) retoma a ideia e localiza no Brasil a pátria adâmica ou o paraíso, mais propriamente no seu interior rasgado pelo Rio São Francisco. Ele acreditava que o “Paraíso Terreal, em que Adão foi creado, está na América debaixo da Linha Equinocial e perpendicular ao lugar em q’ Deos tem o Seu Trono no Ceo⁶”, vendo como prova disto o fato de “nesta nova terra se achar tudo o que a Scriptura diz dele”, como “frutas, rios e delícias”. É assim em torno deste rio que quer instalar este Quinto Império.
- 11 Essa ideia de uma capitalidade do São Francisco nunca vai desaparecer. Não devemos estranhar se, pouco tempo depois da chegada da Corte, momento em que se repensava a geopolítica do Império português, ela surge de novo. Em 1813, o jornalista Hipólito José da Costa defendeu, no *Correio Braziliense*, a ideia de mudança da sede da capital do Brasil para um ponto central, que “se acha nas cabeceiras do rio São Francisco⁷”, descrevendo “uma situação que se pode comparar com a descrição que temos do Paraíso Terreal”. O Estadista Hipólito José da Costa integrava, assim, entre as justificativas da sua proposta (perfeitamente fundamentada para atender aos novos

desafios do século), as qualidades edênicas atribuídas, desde a primeira metade do século XVI, à região das nascentes do São Francisco.

- 12 Na época da Independência, é desta vez José Bonifácio que reflete a vários planos de reorganização do Brasil, argumentando para a necessidade de deslocar a sede da capital nas imediações do rio São Francisco. Num primeiro tempo, Bonifácio aconselha como local o distrito de Paracatu (um afluente do São Francisco), outra vez ele imagina uma localização no planalto central do país, aonde os três principais rios do país têm suas nascentes. A centralidade é para ele um argumento. Um mapa assinado pelo estadista imagina mesmo o que poderia ser o papel centralizador desta nova capital, localizada entre as capitânicas da Bahia e do São Francisco (que seria uma criação), e ligada ao rio São Francisco por um canal a construir⁸.



Anotações de José Bonifácio (IHGB.Lata191.Pasta78)

- 13 Mesmo não sendo considerados, os projetos de Bonifácio abriram a porta para outras propostas que chegaram à luz no Segundo Reinado, quando numerosos estadistas, como o próprio historiador e diplomata Varnhagen, estabeleceram planos de reorganização administrativa do Império, com uma capital situada nas margens do São Francisco⁹.
- 14 Esta invenção da *capitalidade* do São Francisco ilustra a singularidade das relações que foram tecidas ao longo da colônia com este rio (e mais precisamente a região do\ suas nascentes), definido como o *locus* da esperança e do renascimento. Na hora da Independência, esta qualidade foi assumida pelas autoridades imperiais.

As potencialidades de um rio: da projetada província imperial à invenção republicana do “rio da unidade nacional”

- 15 Este rio foi, de fato, a grande preocupação do Império, notadamente interessado com as possibilidades de sua utilização para navegação. As explorações oficiais ao rio São Francisco iniciaram em 1852, com a expedição do engenheiro alemão Halfeld, seguida da expedição do engenheiro francês Liais (1864), do geólogo canadense Charles Frederick Hartt (1870), e do engenheiro norte-americano Willian Milnor Roberts (1879 -

Vicente Licínio Cardoso que conferiu a Euclides da Cunha a “paternidade do descobrimento¹⁵” do papel do rio São Francisco para a formação nacional do Brasil, “unificador étnico, longo traço de união entre duas sociedades que não se conheciam¹⁶”. Mas é sobretudo ele, em textos escritos até o final dos anos 1920 e reunidos numa publicação póstuma em 1933, que apresenta “a função histórico-geográfica do São Francisco” de “manter a unidade territorial da pátria¹⁷” : “aquella união interior tecida pelo grande rio foi a base primeira que permittiu posteriormente, ao Sul e ao Norte, a dilatação de nossa unidade política, dentro do Império, desde as campinas rio-grandenses até o tremedal immenso e formidável do Amazonas¹⁸”. Essa invenção do “rio da unidade nacional”, cuja expressão será retomada por vários estudiosos do Brasil, não servirá apenas para qualificar o resultado de um processo histórico, mas também a insistir nas sempre vivas potencialidades deste rio para o futuro de um país continente desejoso de valorizar as riquezas do seu interior.

- 18 Aliás, no momento da escolha definitiva do sítio para a construção da nova capital do país, no início dos anos 1950, sua proximidade com a região das nascentes do São Francisco será claramente reivindicada¹⁹. Da mesma maneira, é possível considerar que esse potencial papel unificador atribuído ao São Francisco age como pano de fundo nas diversas propostas de transposição de suas águas, entre o início do século XIX e hoje.

Quando a espera faz surgir núcleos humanos nas beiras do rio São Francisco

- 19 Mas a espera, como falei na introdução, não tem só como definição, a esperança. Pode ser também considerada como uma pausa, uma parada. E podemos justamente retomar esta acepção para entender a maneira como surgiram alguns núcleos humanos nas beiras do rio São Francisco, aonde as pausas nos deslocamentos humanos deram nascimento a formas arquitetônicas específicas.
- 20 Podemos citar, em primeiro lugar, os pousos de tropeiros, já que a bacia do São Francisco foi uma grande área de criação de gado: algumas das cidades banhadas pelo rio têm um passado de pouso. Além disso, a presença de correntezas e outras cachoeiras que marcam o longo percurso do rio incitaram alguns homens a instalar-se nas proximidades para aproveitar dos recursos desses lugares de baldeação. É o exemplo de Pirapora, aonde o engenheiro Halfeld começou sua inspeção em 1852. Halfeld escreve que o porto da Pirapora é instalado “ao pé da cachoeira, onde todos os braços se tornam a unir”. E de descrever a vida nessa cachoeira: “Alguns navegantes temerários, descem as suas canôas carregadas de mantimentos, fumo ou mercadorias; outros as descarregam no começo da cachoeira, descendo com as embarcações vazias, mesmo pela cachoeira, arrastando-as dobre as pedra até ao porto de Pirapóra . Na subida segue-se o mesmo systema, tornando-se a carregar as canoas na parte superior da cachoeira ». Halfeld explica que Pirapora possui “30 a 35 casinhas cobertas de capim ou palha de coqueiro, habitadas por pescadores e suas famílias que se ocupam em apanhar peixe, seca-lo em varais, vendendo às tropas que vão procurar²⁰”.
- 21 Podemos citar também o exemplo de Juazeiro, na Bahia, que nasceu como pouso de tropeiros no caminho (denominado “travessia nova²¹”) entre o Piauí e o Maranhão e o Recôncavo Baiano: este comércio se prolongará até o início do século XIX, quando os viajantes alemães Spix e Martius estimaram a 20.000 cabeças anuais o tráfico na

“Passagem do Juazeiro”. Na mesma época, Aires de Casal apresentava o arraial que tinha nascido do pouso como “uma das passagens mais frequentadas da Bahia para o Piauí²²”, reconhecendo, no entanto, que é “mais famoso que considerável” (estimado a 200 pessoas por 50 casas, segundo as estimativas de Spix e Martius).

- 22 Assim, se alguns povoados nasceram dessa função de alimentar ou hospedar os navegantes e tropeiros, enquanto paravam na beira do rio para pernoitar antes de uma baldeação, a leitura de um mapa do rio São Francisco deixa aparecer outras formas arquitetônicas nascidas da espera dos homens em deslocamento: são os dispositivos destinados a acolher os flagelados e migrantes da seca. A partir do final do século XIX, foram dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças que deixaram o nordeste, utilizando o São Francisco como caminho líquido para São Paulo. No romance *Seara Vermelha* (1946) Jorge Amado, que visitou a região em 1942, conta a vida dos migrantes no rio São Francisco²³. Em Juazeiro, aonde esperavam o vapor para Pirapora, foi instalado um campo destinado a separar os migrantes da população urbana, enquanto esperavam o barco (ou que tentavam ganhar o dinheiro que faltava para pagar o barco). Em Pirapora, aonde pegavam o trem, os migrantes tinham que conseguir um salvo-conduta por parte dos médicos do centro de saúde e de assistência ao migrante. Se não tinha campo nesta cidade, podemos ver surgir uma rede de hotéis baratos para hospedar os migrantes em espera.

Um esboço inacabado

- 23 Essa reflexão assume um lado inacabado; inacabado, já que a história da espera e da esperança é como a história deste rio – sempre viva; inacabada, porque não abarca a questão da esperança das populações ribeirinhas: pescadores, remeiros, comunidades quilombolas ou índias; inacabada, já que o debate atual sobre a transposição das águas faz renascer um discurso e um imaginário aonde se mesclam espera e esperança.
- 24 No entanto, pudemos perceber quanto a relação entre deslocamento e espera não só criou formas arquitetônicas, mas imprimiu também ao imaginário uma orientação original. É só citar o caso das populações ribeirinhas vivendo a espera angustiada do desaparecimento de sua cidade após a construção de uma barragem (como foi o caso para Remanso e Pilão Arcado). Aquela espera angustiada remete à esperança milenar do sertão virar mar.
- 25 É só citar também, ao longo dos 2800 km banhados pelas águas deste, rio dono da vida dos homens e das terras, a permanência tênue de cidades abandonadas, como a memória apagada dos campos da seca, testemunhas frágeis de um mundo perdido, aonde tantas esperas e esperanças se afogaram. Mas nosso dever de historiador, não seria de tirá-las do esquecimento?

NOTAS

1. Roger Caillois, *Le fleuve Alphée*, Paris, Gallimard, 1978

2. Sobre a história da espera, ver: Laurent Vidal, « Por uma história social da espera », in: Laurent Vidal, *Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico*, São Paulo, Martins editora, 2008, p.275-282 ; Laurent Vidal, Alain Musset, dir., *Sociétés, mobilités, déplacements. Les territoires de l'attente*, Rennes, PUR, 2015.
3. Robert Southey, *History of Brazil*, Part 1, London, Longmann, Hurst, Rees, 1810, pp. 534-535
4. «A cartografia colonial do São Francisco», <http://synaptique.uncreated.net/?tag=nordeste-br> (consultado em 4 maio de 2014).
5. Pe. António Vieira, “Esperanças de Portugal. Quinto Império do Mundo”, in *Obras Escolhidas*, Lisboa, ed. Sá da Costa, 1952, Vol. IV, pp.1-96.
6. Pedro Rates Henequim apud GOMES, Plínio Freire. *Um herege vai ao Paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1640-1744)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 111.
7. Hipólito José da Costa, “A questão da capital”, *Correio Braziliense*, 1813, apud Laurent Vidal, *De Nova Lisboa a Brasília, a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*, Brasília, ed. UnB, 2008, p. 43.
8. José Bonifácio, « Mappa do São Francisco », IHGB, Lata191.Pasta78
9. Sobre os projetos Bonifácio e Varnhagem, ver Laurent Vidal, *De Nova Lisboa a Brasília, a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*, *op.cit.*, cap. 2 et 3. Ver também: Manoel Fernandes de Souza Neto, *Planos para o Império: os planos de viação do Segundo Reinado*, São Pau, Alameda, 2012.
10. Ver Elizabeth W. Kiddy, “O rio São Francisco: geografia e poder na formação da identidade nacional brasileira no século XIX”, *Revista de Desenvolvimento Económico*, Salvador BA, Ano XII, dec. de 2010, pp. 22-29; Vanessa M. Brasil, “O rio São Francisco. Base física da unidade territorial do Império”, *Revista Mosaico*, vol.1, n°2, jul-dec. 2008, pp. 133-142.
11. Discurso pronunciado pelo deputado Alencar Araripe, Anais da Câmara dos Snrs deputados, 17 de maio de 1873, apud Elizabeth W. Kiddy, *art.cit.*, p. 23
12. Discurso pronunciado pelo ministro do Império, João Alfredo Corrêa de Oliveira, Anais da Câmara dos Snrs deputados, 2 de janeiro de 1873, apud Elizabeth W. Kiddy, *art.cit.*, p. 26.
13. Augusto Fausto de Souza, *Estudos sobre a divisão territorial do Brasil*, Brasília, Ministério do Interior, Fundação Rondon, 1988 [1877], 75p.
14. Ver a esse respeito: CARVALHO, Orlando M. *O rio da unidade nacional: o São Francisco*. São Paulo / Rio de Janeiro / Recife, Companhia Editora Nacional, 1937
15. CARDOSO, Vicente Licínio. *À margem da história do Brasil*, São Paulo: Editora Nacional, 1979, p. 132.
16. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1986, p.86
17. CARDOSO, Vicente Licínio. *À margem da história do Brasil*, *op.cit.*, p.44-45
18. *Idem*, p.50
19. Ver Laurent Vidal, *De Nova Lisboa a Brasília, a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*, *op.cit.*, cap. 5 e 6.
20. *Relatório concernente a exploração do rio São Francisco desde a cachoiera de Pirapora até o oceano pelo engenheiro Fernando Halfeld*, Rio de Janeiro, Leonardo Rensburg, 1860, p. 3
21. Von Spix e Von Martius, *Através da Bahia*, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1938 [1820], p. 360.
22. Manuel Aires de Casal, *Corografia Brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brazil*, Rio de Janeiro, Na Imprensa Régia, 1817, tomo 2, p.242.
23. Ver a esse respeito nosso artigo : « Seara vermelha: homens em deslocamento, homens em espera no Nordeste dos anos 1930 », *Revista Porto*, 3 (2), 2013, pp. 2-16.

RESUMOS

A partir de uma “história social da espera”, este artigo pretende esboçar uma outra maneira de contar a história do rio São Francisco. De um lado, o rio São Francisco é fruto de muitas esperanças (geopolíticas e sociais) que deixaram rastros no imaginário, tanto dos poderes públicos quanto das populações ribeirinhas. Mas a esperança não é a única definição possível da espera – que significa também pausa, parada. E deste ponto de vista, devemos constatar que a paisagem do rio São Francisco é marcada por essas pausas dos homens em deslocamento que, subindo o rio, deram nascimento aos primeiros núcleos humanos, e mais recentemente, aos campos de migrantes.

A partir d'une « histoire sociale de l'attente », cet article prétend proposer une autre façon d'écrire l'histoire du fleuve São Francisco. D'un côté le São Francisco est le fruit de nombreuses espérances (géopolitiques et sociales) qui ont laissé des traces dans l'imaginaire – des pouvoirs publics comme des populations riveraines. Mais l'espérance n'est pas la seule définition possible de l'attente – qui signifie également pause, arrêt. Et de ce point de vue, nous devons constater que le paysage du São Francisco est marqué par les pauses des hommes en déplacement qui, remontant le fleuve, ont donné naissance aux premiers noyaux urbains, et plus récemment, aux camps de migrants.

From the standpoint of "social history of waiting" this article pretends to propose another way to write the history of the São Francisco River. On one side, the São Francisco is the result of many hopes (geopolitical and social) that have left traces in the imagination - both public authorities and local populations. However « hope » is not the only possible definition of « waiting », which also means pause, stop. Moreover, from this point of view, we must note that the landscape of São Francisco river is marked by breaks of people on the move who, going upriver, have been the origin of the first urban cores and, more recently, of migrant camps.

ÍNDICE

Mots-clés: fleuve, attente, villes, déplacement, migrations

Keywords: river, waiting, cities, mobilities, migrations

Palavras-chave: rio, espera, cidades, deslocamentos, migrações

AUTOR

LAURENT VIDAL

Universidade de La Rochelle (França) – CRHIA, lvidal@univ-lr.fr